

MULHERES DE ABRIL

David Martelo

Alocução proferida no IASFA/Porto, por ocasião do convívio de oficiais comemorativo do 42.º aniversário do 25 de Abril

Faz agora um ano, era sombrio o cenário político em que vivíamos, parecendo que dele se tinha arredado qualquer sentimento de esperança. No texto que então vos li, tive a oportunidade de referir que uma tal situação não justificava a ideia que, por vezes era defendida, de que Portugal necessitaria de “um novo 25 de Abril”. Ao discordar dessa solução, concluí a minha alocução afirmando:

«Não, a esperança não é militar. É civil e está onde deve estar: nas mãos das Portuguesas e dos Portugueses.»

Julgo que podemos felicitar-nos com a confirmação deste anseio. Ao celebrarmos o 42.º aniversário do 25 de Abril, vivemos um momento de esperança e é com natural satisfação que assistimos ao apelo institucional que salienta a oportunidade e a necessidade da serena gestão dos afectos.

Pela nossa parte, desde que, ainda em Guimarães, acolhemos nesta celebração as mulheres da nossa vida, sempre soubemos reservar um momento especial para sublinharmos, com uma carinhosa salva de palmas, o papel determinante que esposas, namoradas, mães e irmãs, tiveram na compreensão e incondicional apoio para que, através da nossa acção, florescesse a liberdade.

Também hoje vos irei pedir a muito justa e habitual ovação a essas Mulheres de Abril, presentes e ausentes, mas, antes disso, gostaria de evocar o momento único e sublime do ADEUS, na longínqua noite de 24 de Abril de 1974. Para esse efeito, vou ler-vos um texto que respiguei de uma obra de um capitão de Abril, cujo nome revelarei no final.

A descrição inicia-se na noite de 24 de Abril de 1974. Em cena, Francisco, o capitão, Ana, a esposa, e um filho de ambos, ainda bebé. A narrativa é feita através do pensamento da esposa.

«O sono não chegava, apesar do cansaço acumulado daqueles dias de brasa. Os seus pensamentos eram confusos, indefinidos, enrolavam-se uns nos outros numa desordem que não tinha capacidade de controlar. Só uma firme disposição de não fraquejar perante o marido ia vencendo a fadiga e as ideias pessimistas que a assaltavam, rebatendo-as com o forte desejo de que o desfecho fosse favorável à tranquilidade do bebé.

Jamais lhe aflorara à cabeça a ideia de pressionar o companheiro a ponderar a sua participação na acção de risco de que conhecia apenas os contornos. [...]

Para ela, num momento de distinta lucidez, tudo se tinha tornado claro e a vida e o futuro demasiadamente óbvios. Assim, a ansiada ruptura passou a fazer parte do seu quotidiano e a espera só passou a estar desajustada aos equilíbrios emocionais que temia poderem descontrolar-se.

O sinal horário das vinte e três horas interrompeu-lhe o trabalho. [...] Entre os dois, um olhar fugaz. Sem nada dizerem, uma mensagem clara. Porque há palavras que, sendo só silêncio, não se dizem. São momentos raros de felicidade que deixam quem os sente, como estando iluminados pela luz hipnótica de um farol orientador.

Os olhos nos olhos podem dispensar palavras e exigem que não se quebre o silêncio, sobretudo quando expressam a firmeza de um sentimento inequívoco.

– “E agora, um dos êxitos mais recentes da música portuguesa, *E depois do Adeus*, na voz de Paulo de Carvalho” – brotou do minúsculo aparelho portátil.

Era o primeiro sinal. Sem nada dizer, Francisco levantou-se para levar o saco que tinha deixado no quarto, onde arrumara os fardamentos e peças de roupa e de higiene para dois ou três dias. Mesmo perante as dúvidas e incertezas, era a altura de demonstrar apenas optimismo.

Ana imaginou-o no quarto, de pé, junto ao berço, olhando o filho, embevecido. Talvez, ao sentir os lábios do pai, pousando levemente, mas com alguma demora, no seu rosto branco e aveludado, pudesse ter correspondido, num esgar, à suave carícia. Intimamente, desejou que o gesto terno tivesse sido correspondido com um sorriso, que seria um sinal de estímulo e esperança.

Naquele rosto, ainda minúsculo, descobria-se sempre a expressão do amor, reflectindo o encanto que iluminava a obscuridade de muitos dias. As suas mãos, com os deditos náufragos, eram a verdade que agarravam e repeliam, indecisas, a transformação das coisas. A chupeta inerte, num intervalo entre a sofreguidão de

um desejo não saciado e a irritação dos primeiros dentes, seria o milagre da harmonia, lutando contra a persistência da penumbra insidiosa. O corpo tranquilo não sentiu a labareda subtil dos instantes de fogo. E um segundo beijo já não terá sido de adeus, antes uma vontade prometida de um regresso breve.

Conhecendo o marido desde criança, sabia que ele estava a recuar em passos vagarosos até à porta do quarto, sem despregar o olhar, como quem olhava longamente para uma imagem que se quer gravar na memória. [...]

Na soleira, um beijo rápido. Foi fechando a porta devagar. Ouvia-lhe os pés tacteantes a começar a descer a escadaria e sincronizou o tempo com a distância que a separava da janela. Abriu-a, respirando o cheiro puro que se agarrava à penumbra densa. [...]

Com um aceno de adeus, viu-o partir.

Como seria o dia seguinte?»¹

¹ AMARAL, António Luís Ferreira do, *Nem só de tiros vive a guerra*, Edições Esgotadas, Viseu, 2013, pp. 358-361.